

tempo e presença

Publicação mensal do CEDI
número 159
maio de 1980

Página 3

EVANGÉLICOS E PROBLEMAS DO POVO

Aconteceu

As pastorais das igrejas
na realidade conflitante
da nossa sociedade.

Página 10

Bíblia Hoje

Os cristãos e os círculos
bíblicos depois da
revolução da
Nicarágua.

As Bodas de Caná
segundo os cristãos da
comunidade de
Solentiname.

Página 17

Última Página

A carta desafiadora do
Bispo de Marabá, D.
Alano Pena, a propósito
da repressão
desenfreada. "Até
quando, General?"

Página 20



Mestre, e agora como é que me purifico?

Segundo Pablo Hurtado (ver no Estudo Bíblico de Cardenal sobre as Bodas de Caná) alguém poderia ter feito essa pergunta a Jesus, quando ele acabou com a água da purificação e a fez vinho delicioso. Segundo o mesmo participante, Jesus teria dito: "Bebendo, ora essa!" Aqui estão estas páginas de nossa PRESENÇA, não tristes, não negras, não feias, embora haja operários grevistas demitidos em massa; índios escorraçados de suas terras por grileiros; novos movimentos de reivindicação; um templo batista destruído (e católicos e batistas o reconstruindo). Embora... embora tudo isso, não-negras, não-feias porque espuma nelas o vinho novo de uma purificação velha, o vinho novo de uma água fútil, sem festa.

A festa estava no vinho novo de Jesus, e não estava na purificação banal, ritualística, formal de uma água que — sendo apenas água — não dava para alegrar os noivos e os convidados dos noivos. Purificar-se? Só bebendo...

E bebendo das novas talhas oferecidas pelo Cristo é que as Igrejas caminham ao encontro dos bem-aventurados. E neste caminhar ao encontro — por ter ouvido o apelo — esposam os pobres e procuram nas suas Comunidades de Base viver, em profundidade, a dimensão da comunhão fraterna e da partilha da esperança.

As águas estéreis que lavavam apenas o exterior foram transformadas em vinho fecundo que, no seu calor, alimenta e aconchega a vida fraterna, que recupera as

forças para mais um dia de luta, mas que também é manifestação da alegria e da esperança. O melhor vinho foi servido depois... esperança nossa. Por enquanto, beber este vinho um pouco azedo de tantas lutas e de tantas opressões. Mas, sobretudo, beber... sem medo e sem evasivas. O vinho que nos é dado hoje não é o vinho do Esposo mas é mais o vinho do patrão que não viu o milagre realizado. Quem assistiu foram os serviçais, quem provou primeiro o vinho foram os empregados da festa. A eles coube beber primeiro o vinho da nova festa que começava naquele momento... as bodas verdadeiras.

E é isto que as Igrejas estão bebendo hoje... o vinho servido aos serviçais e bebendo deste vinho comungam de suas vidas e procuram, juntos, transformá-las numa festa perene de bons vinhos e de cantos verdadeiros.

Isto nos mostra o texto do documento que publicamos: as comunidades de base evangélicas. As que brotam do vinho novo, as que brotam da nova palavra feita ramo e videira que se sujeita à poda e ao esmagamento pelos pés, mas que se transforma em vinho da festa que vivemos para anunciar. O importante é não ter medo de beber o vinho nesta passagem e nesta vida... afinal não somos nós também acusados de sedutores?

E somos nós os seduzidos pelo vinho novo das novas bodas. Somos chamados à purificação de novas comunhões e partilhas. Vamos, bebamos do vinho novo do Cristo Redentor dos pobres e oprimidos.

tempo e presença

**Tempo e Presença
Editora Ltda.**

Diretor
Domício Pereira de Matos

Coordenador
Paulo Cesar Loureiro Botas

Planejamento Visual
Claudius Ceccon

Arte
Anita Slade

Equipe de Redação
Carlos Cunha
José Ricardo Ramalho

Conselho Editorial
Carlos Alberto Ricardo
Leticia Cotrim
Zwinglio Mota Dias
José Ricardo Ramalho
Carlos Rodrigues Brandão
Jether Pereira Ramalho
Eliseu Lopes
Henrique Pereira Júnior
Carlos Mesters
Beatriz Araújo Martins

Composição, Fitolito e Impressão
Editora Gráfica Luna Ltda.
Rua Barão de São Felix, 129 - Centro
Rio de Janeiro

Assinatura anual: Cr\$ 300,00
Remessa em cheques
pagáveis no Rio para
Tempo e Presença Editora Ltda.
Caixa Postal 16.082
22221 Rio de Janeiro, RJ

Publicação mensal
Registro de acordo com a
Lei de Imprensa

Não é verdade — felizmente não é verdade — que os protestantes não tenham trabalhos ligados a grupos populares. Organizações denominacionais numerosas têm mantido formas as mais diversas de preocupação com trabalhos entre o povo. O que, entretanto, está mudando agora — e antes não se deu — é a perspectiva de tais trabalhos.

Na história do movimento ecumênico das últimas décadas registram-se bastante bem delineados dois tempos:

Primeiro: A influência que a preocupação com a Bíblia (característica até então bem mais protestante) exerceu sobre os hábitos da Igreja Católica, cujo povo, partindo da experiência com as Sagradas Escrituras, veio a descobrir nelas a grande motivação para atitudes de uma fé engajada na realidade do dia-a-dia;

Segundo: Por outro lado, a influência que daí essa mesma Igreja Católica passou a exercer sobre grupos protestantes que iniciaram, então, um processo de viver essa mesma motivação.

Não se pode, contudo, analisar a história da perspectiva cristã política — notadamente no Brasil — de forma estanque, dois tempos definidos

cronológica e contextualmente, porque, antes do Vaticano II, já havia manifestações evangélicas como as experiências de Igreja e Sociedade através do Setor de Responsabilidade Social da Confederação Evangélica do Brasil que promoveu várias consultas a nível nacional, como a Conferência do Nordeste (1962), e os credos (manifestações) sociais das Igrejas Metodista e Presbiteriana.

No presente momento nacional, sem dúvida, o que se deve destacar é a experiência das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Estas têm reanimado a grupos evangélicos. Sai-se de uma perspectiva individualista da Bíblia para reflexões mais sérias sobre a problemática da sociedade.

Posto isto, a questão ecumênica (que de início se pôs nas cúpulas eclesiásticas e, até certo ponto, se esvaziou) assume agora uma dimensão de bases. A vivência se faz ecumênica — com ou apesar das lideranças — a partir da ecumenicidade dos problemas do povo.

O Documento deste número nosso, fruto do trabalho do Rev. Walter Altmann, luterano, é uma realidade que ilustra o que estamos dizendo.

Experiências de base em igrejas evangélicas

INTRODUÇÃO

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), constituída em 1968, é oriunda fundamentalmente do movimento de imigração germânica para o Brasil a partir de 1824, preponderantemente no Sul do país. Até hoje seu substrato particular principal reside nas áreas rurais, já que os imigrantes se instalaram como agricultores e, em menor medida, pequenos artesãos. A maioria de seus descendentes é constituída hoje de pequenos agricultores (minifundiários). Contudo, com a expansão da colonização, surgiram em seu meio pequenas e florescentes cidades. Uma minoria dos descendentes de imigrantes conseguiram aí se estabelecer como comerciantes e industrialistas, detendo portanto boa parcela do poder econômico. A participação direta na política, no entanto, tem sido pequena, seja por ressentidas reminiscências históricas da Europa, seja por cerceamento na legislação brasileira, seja ainda por um "guetismo" germânico fomentado de além-mar a partir de 1870 até a Segunda Guerra Mundial. (Nesse contexto, o fato de que um de seus membros, General Ernesto Geisel, tenha chegado à Presidência da República, sem deixar de ser significativo em si, é quantitativamente uma exceção.)

Nas últimas décadas, com a implantação do modelo econômico desenvolvimentista no Brasil, tem-se registrado uma nova evolução, capaz de alterar significativamente a imagem e a atuação dessa Igreja, embora ainda prevaleça nela nitidamente uma mentalidade de classe média, caracterizada por uma ética do trabalho baseado no esforço individual, conjugada com o desejo de ascensão social e conservadorismo político. As estruturas eclesiásticas em todos os níveis, desde a paróquia até a "Igreja", são marcadas por essa realidade. No entanto, os minifundiários já não conseguem manter-se com as crescentes exigências de mecanização, adubação química da agricultura, integração nos mecanismos financeiros, bem como com a implantação do sistema de monoculturas a serviço da exportação em vez da subsistência.

Ressalvada uma minoria que consegue se ajustar às novas condições, a maioria segue crescentemente um dos três seguintes caminhos:

a) vende suas terras a um proprietário, maior (empresário rural ou latifundiário), transformando-se num proletariado rural;

b) vende suas terras e migra para as grandes cidades (êxodo rural), adquirindo uma pequena casa própria e transformando-se em operários na indústria urbana;

c) vende suas terras e migra para novas áreas de colonização (sobretudo Mato Grosso, Rondônia e Transamazônica), onde adquire uma área maior e começa nova vida, ocupando um lugar intermediário entre os grandes empresários rurais e latifundiários de um lado, e os posseiros e trabalhadores rurais sem terra, de outro lado.

Esse contexto tem sido propício para o surgimento paulatino de uma nova consciência social e o despontar de experiências comunitárias de base. Algumas dessas são aqui brevemente arroladas. Para tanto, reproduzimos relatos redigidos por pessoas envolvidas nas próprias experiências.

I ÁREA RURAL

1. Pastoral da Terra no Oeste do Paraná (Itaipu)

A experiência ligada à Pastoral da Terra no Oeste do Estado do Paraná mereceria um relato mais extenso do que a sucinta referência aqui feita. Com a construção da barragem de Itaipu serão desalojadas pelas águas, só em território brasileiro, oito mil famílias, das quais um regular número é evangélico de confissão luterana. Após o envolvimento concreto de alguns pastores e comunidades luteranas nas atividades da Pastoral da Terra, na região, a direção da Igreja concordou com a designação de um pastor seu como secretário regional da Comissão Pastoral da Terra. O trabalho, todo ele em base ecumênica, tem-se desenvolvido a partir de reuniões locais e

assembléias regionais de lavradores (algumas concentrações com milhares de participantes), levando a um amplo movimento de denúncias das arbitrariedades de organismos oficiais, e de reivindicação de direitos, como indenização justa por terras invadidas, reassentamento em terras inaproveitadas do próprio Estado do Paraná e restabelecimento de condições existentes nas atuais propriedades. Faz parte da luta também a legalização da posse de terra quando da inexistência de títulos de propriedade e a defesa dos interesses de posseiros e pequenos agricultores diante de latifundiários. A união tem obtido êxitos sobretudo a nível de conscientização e organização, e resultados parciais no tocante a indenizações, mas pouco resultado no referente ao reassentamento dos agricultores no próprio Estado do Paraná. O Governo tem interesses em desviar os agricultores desalojados para as novas áreas de colonização.

2. Distrito Eclesiástico Sul do Espírito Santo

a) Em fevereiro de 1975, quatro pastores vizinhos se reuniram para elaborar algumas reflexões sobre a situação nas Comunidades e sobre o trabalho pastoral a ser realizado. "... temos a tarefa de dar forma concreta, visível e palpável ao amor de Cristo em nosso mundo. O amor de Cristo se dirige a todas as pessoas, em especial aos pobres, presos, cegos e oprimidos (Lucas 4,18). Este amor procura a pessoa em sua situação específica e abrange a pessoa em seu todo (também o corpo)."

Depois de uma análise dos problemas existentes, como nós os víamos, chegamos à conclusão de que é necessário que nos aproximemos do povo. "Através do trabalho em pequenos grupos, queremos aproximar-nos das pessoas, a fim de que, desta maneira, possamos ajudá-las melhor a descobrir o seu valor como gente criada à imagem de Deus. Através desta tomada de consciência de si mesma como imagem de Deus, a pessoa reconhece também o valor do outro, seu irmão. Em conjunto com ele, descobre a sua situação como sendo uma situação infra-huma-

na e se solidariza com ele para a luta comum."

As primeiras experiências começaram em São João de Garrafão. Já existia lá um trabalho social bem desenvolvido a partir das idéias do pastor. Cinco grupos da Comunidade, convidados e liderados pelo pastor, começaram a reunir-se. Em cada grupo umas quinze a vinte famílias. As reuniões eram feitas nas casas. Procuravam-se descobrir no próprio grupo os assuntos a serem tratados, partindo da pergunta: Quais os maiores problemas que o povo enfrenta?

Nesses cinco grupos da Comunidade o maior problema apontado foi o do intermediário, que sempre leva a melhor, seja quando o camponês vende a sua produção agrícola, seja quando ele compra os seus mantimentos. A solução encontrada foi a da venda e compra comunitária, o que deu origem ao assim chamado "Armazém", que hoje, apesar de todos os problemas que enfrenta, está legalizado e mantém comércio direto com grandes centros, com muitas vantagens para os integrantes dos grupos e também para todo o povo da região.

Há poucos meses um grupo de vizinhos de um bairro pobre da capital do Estado, Vitória, vem realizando uma compra comum no "Armazém", surgindo assim um entrosamento maior entre homem da cidade e do campo, com vantagens para os dois. Assim a experiência também adquiriu dimensão ecumênica, no sentido interconfessional, já que na área rural, praticamente a totalidade da população é evangélica luterana.

b) A segunda experiência foi feita em Jatibocas e Santa Maria de Jetibá, num trabalho conjunto de vários pastores e estudantes. Convocados pelos pastores, e sob a sua liderança, reuniram-se em cada Comunidade três grupos. Nós, pastores, nos dividíamos e visitávamos num dia três grupos. Voltávamos para avaliação e reflexão do trabalho e visitávamos mais três grupos no dia seguinte. Essa experiência foi feita durante dois anos, mas não pôde ser mantida por motivo da carga do trabalho tradicional dos pastores.

Deste trabalho, no entanto, ficaram alguns sinais, como por exemplo o "conhecimento" de que a gente pode reunir-se em grupo.

c) A terceira experiência vem sendo feita há mais ou menos um ano, quando o trabalho em grupos foi declarado, em Concílio Distrital, prioritário no Distrito. Cada pastor procura, a seu modo, mas sempre partindo de uma reflexão conjunta, reunir o povo.

Em Santa Maria de Jetibá escolheram-se várias áreas, partindo sempre da periferia para o centro, onde em conjunto com um presbítero (dirigente paroquial leigo, na terminologia luterana) daquela área o pastor fez visitas de casa em casa. Nessas visitas procurou-se aproximar um pouco mais do povo, ouvi-los e interessá-los em se reunirem em grupos de Comunidade. Ao ter terminado as visitas da área escolhida, foram convidados, através de uma família diretamente interessada, os vizinhos para a primeira reunião. Assim se foram formando inúmeros grupos, ainda liderados pelo pastor. De maneira semelhante se procedeu também nas outras paróquias. Ultimamente pedimos que cada grupo escolhesse dois ou três dos seus integrantes, que foram enviados a um Encontro para Facilitadores de Grupo, dirigido por nós. De toda a região (várias paróquias) reuniram-se, no primeiro encontro, representantes de mais de quarenta grupos. Estes voltaram com a tarefa de reunir, eles mesmos, os seus grupos. Também isto já aconteceu, na maioria dos casos. No segundo encontro dos facilitadores, ao qual a grande maioria presente no primeiro encontro voltou, foi realizada uma avaliação e constatadas as possibilidades de trabalho em grupo, sem a participação direta dos pastores.

Os assuntos discutidos nos grupos variam desde o funcionamento do Sindicato, escolas fechadas, estradas ruins, pontes a construir, Fundo Rural, problema do alcoolismo, contribuição para a Igreja até a simples leitura de um texto bíblico e canto.

Nos grupos de comunidade: cresce a consciência dos problemas enfrentados por todos, e de suas causas;

Diante de situações concretas de injustiça, o problema das diferenças religiosas deixa espaço para a identificação na fé dos evangelhos. O ecumenismo, neste momento, supera as barreiras impostas pelas ortodoxias, e as disputas teológicas dão lugar a um esforço comum e solidário na promoção do homem que sofre opressão.

Os relatos destas experiências evidenciam que o reconhecimento do outro como irmão é decorrente da descoberta de uma situação infra-humana e da solidariedade para a luta.

cresce a comunhão e a disposição de dar-se a mão um ao outro, para enfrentar problemas;

aprofunda-se o engajamento na reflexão e vivência do Evangelho.

Os maiores problemas que vimos enfrentando neste trabalho situam-se em vários níveis e se condicionam uns aos outros:

Povo:

dificuldade de comunicação (problema das línguas, pois o povo fala preponderantemente o dialeto alemão pomerano);

fatalismo;

tradicionalismo eclesiástico (têm dificuldade de conceber um trabalho sem a presença do pastor);

alguns "grandes" impedem a participação de seus meeires.

Pastores:

falta de instrumental teológico e pedagógico adequado;

falta de gente (não dá para fazer o trabalho tradicional e acompanhar os grupos);

posição social privilegiada (dificulta contato, compreensão dos problemas e nos faz falar uma linguagem diferente).

Estrutura:

trabalho em áreas grandes e com muito povo impede "entrada" nos grupos;

estrutura paroquial dificulta trabalho de equipe;

trabalho tradicional exigido não deixa tempo nem fôlego para grupos.

Procuramos, na medida do possível, analisar, refletir e avaliar constantemente todo o trabalho na nossa equipe de pastores que se reúne mensalmente. Pessoalmente, só vejo chance para o trabalho em grupos de Comunidade se a Igreja possibilitar e incentivar agentes pastorais a um estudo orientado para tal trabalho e se houver a chance de maior encarnação por parte desses agentes na realidade vivida pelo povo.

II ÁREA URBANA

3. Centro Comunitário Alvorada

(Alvorada — RS)

A meu ver, uma Comunidade Eclesial de Base se define — mais ou menos — assim: grupos do "povo" refletem a realidade em que vivem; se consideram povo central de Deus e, ligando o Evangelho à realidade e a realidade ao Evangelho, procuram sua liberdade externa e interna. Padres ou pastores, em vez de dominarem a caminhada, colocam à disposição seus conhecimentos e capacidades.

No Centro Comunitário Alvorada (Alvorada é um município da Grande Porto Alegre, basicamente lugar de moradia de contingentes operários), temos elementos de tudo isso, mas não somos uma Comunidade Eclesial de Base (CEB) clássica. Sentimo-nos mais perto das CEBs do que das comunidades tradicionais da Paróquia Evangélica de Porto Alegre (à qual estruturalmente pertencemos) ou da Igreja Luterana que conhecemos. Nossos problemas são mais parecidos com os das CEBs (problemas do povo pobre, racialmente somos mistos e quase não há luteranos). Somos interconfessionais, tendo, entre nós, muitas pessoas de origem católica e pessoas decididamente "evangélicas" (pentecostais). Fazemos questão de que cada um permaneça na Igreja à qual pertence, formando conosco uma comunidade que assume tarefas e vê aspectos do Evangelho que as Igrejas normalmente não apresentam.

Nosso pessoal considera o Centro Comunitário como um todo como um tipo de CEB. Mas, olhando bem, os grupos existentes dividem entre si aqueles passos que a comunidade toda deveria fazer em conjunto: há grupos que refletem intensamente (o Evangelho e, baseados nele, a história, a política, o meio ambiente, a pedagogia etc.) e de certa maneira também se engajam na ação (desses grupos surgiu a "Comissão em Defesa dos Direitos Humanos"; há também uma ajuda mútua limitada em casos de necessidade); e há outros grupos que se organizam em torno de importantes ações, mas quase não refletem nem o Evan-

gelho nem outra coisa que possa formar o espírito (associação de moradores, grupos que visam a formação de novos partidos). Há pessoas que participam aqui e lá, mas seu número não é significativo. Todos os grupos se sentem uma comunidade unida na luta do povo por seu futuro, mas não são, na mesma medida, uma comunidade, conscientemente unida no Evangelho. O problema é: como trabalhar na formação de uma CEB mais consciente sem mandar e sem separar os que se sentem na mesma caminhada.

As reflexões em grupos estão na fase de uma aceitação maior pelos membros. Até há pouco o pastor coordenava ou até dirigia os trabalhos, agora os próprios integrantes se coordenam em subgrupos.

Existe, ao lado do Centro Comunitário, uma pequena paróquia luterana, com um espírito diferente, individualista, tradicional. Mas já há membros que sentem o absurdo de ter duas comunidades cristãs caminhando separadas, com o mesmo pastor. Em cultos (atualmente um por mês, no futuro provavelmente mais) em conjunto, cada Comunidade tenta transmitir seus valores espirituais e eclesiais, e no ensino confirmatório está sendo apresentada uma visão comunitária da Igreja.

A Comunidade Evangélica de Porto Alegre, à qual estruturalmente o Centro Comunitário pertence, acompanha a autoformação e auto-realização do "povo" no Centro Comunitário com pouca compreensão e certa desconfiança, foge um pouco da necessidade de novas definições no Estatuto ou Regimento Interno e pretende, por enquanto, aumentar seus esforços na assistência social.

4. Núcleo Comunitário Fazenda São Borja (São Leopoldo — RS)

a) Caracterização da realidade comunitária

A grosso modo, a Comunidade é formada por dois grupos distintos. Estes grupos apresentam características diferenciadoras, mas também possuem uma determinada experiência de religiosidade luterana em comum. O primeiro grupo (Grupo-1) de membros é

constituído por aqueles que têm raízes históricas na Comunidade (a Fazenda São Borja pertencia à área rural, hoje é um bairro industrial de São Leopoldo). Esse grupo é tradicional e só alguns são operários. O segundo grupo (Grupo-2) é formado por membros que se transferiram da colônia para conseguirem um trabalho nas fábricas. Esses são casais mais jovens que deixaram o trabalho na agricultura devido ao problema do minifúndio. Quanto à sua participação na Comunidade, há que registrar que a Comunidade Evangélica de São Leopoldo, à qual estruturalmente o núcleo comunitário está filiado, pouco tem se importado com a integração dos migrantes. O trabalho com eles representa uma tarefa difícil. A preocupação começou a surgir há um ano. Após esse período o agente (estudante de teologia) dispôs-se a continuar convivendo com o povo dessa Comunidade e coordenando-lhe as atividades.

Setenta por cento das famílias são operários. Não podemos localizá-las na classe oprimida no sentido mais rigoroso do termo, pois possuem casa, percebem no mínimo dois salários e os filhos têm condições de escolarização.

b) Atividades

Não aumentamos o número de cultos, mantendo a tradição de um culto mensal. Após um determinado tempo o Grupo-2 começou a participar. Aqui há uma boa possibilidade de refletir as questões dos operários nas pregações (dentro das limitações do culto). Pelo menos não há oposição aberta contra este tipo de pregação.

Paralelamente criamos o encontro comunitário, como alternativa de reflexão. Nele participam alguns membros mais abertos dentre os tradicionais e um ou outro operário. As chances de reflexão teológica e política são boas nesse grupo. Contudo, sinto ainda que outras pessoas possuem uma grande resistência ao novo, embora nas visitas se discuta muito sobre a realidade. Parece ser difícil formar Igreja a partir de uma reflexão não concreta e imediata. Poderia surgir uma reflexão grupal mais concreta, se o grupo fosse caracterizado mais claramente por problemas comuns.

Mário Simonetti

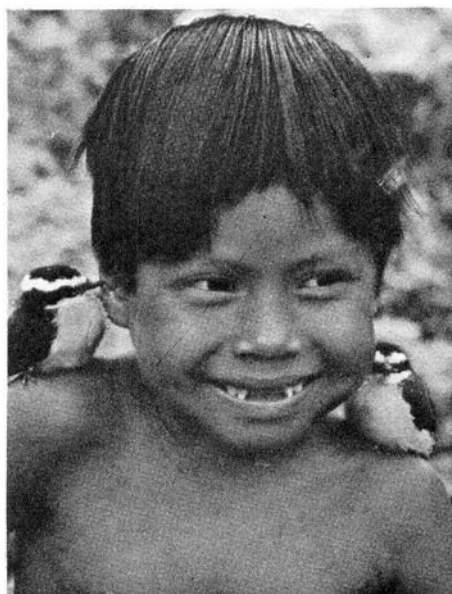


Luz Bittar



A consciência de não-fracassos, mas sim das dificuldades impostas pelos que lutam para manter a situação, alimenta a esperança da transformação.

A descoberta dos emperramentos burocráticos, da corrupção dos órgãos governamentais, da política gananciosa e os impedimentos impostos pelos mecanismos clericais ao mesmo tempo possibilita uma inovação eclesial a partir das bases e estimula o engajamento de pastores apesar das dificuldades provenientes dos organismos civis e militares.



Nas visitas há muitas oportunidades de discussão com os membros. Parece que, por enquanto, as pessoas ainda se sentem mais livres para discutir a nível individual. Aí as pessoas falam dos problemas familiares e mencionam muito das dificuldades encontradas nas fábricas. Nessas horas o patrão e o Governo "apanham". Tenta-se incentivar a participação no sindicato, mostrar um aspecto mais amplo das causas dos problemas. No momento, muitos empregados que participaram meio empurrados pela situação e pelos colegas nas últimas reuniões sindicais, começam a ser driblados pelas propostas populistas. Os membros que migraram da Colônia para cá são bastante tímidos. Parece ser uma atitude típica do pequeno agricultor que vivia num mundo pequeno. Ainda possuem a "ideologia" do dever do trabalho e do ser "honesto" àquilo que o patrão exige (autoridade). Isso acentua o individualismo.

c) Perspectivas

Creemos que para o futuro seria importante desvincular estruturalmente essa área da paróquia-centro (de São Leopoldo). Assim se terá mais liberdade para uma ação missionária. Por exemplo, a Vila Esperança (bairro operário adjacente) é um vasto campo missionário, inclusive para o proselitismo pentecostal. Poder-se-iam desenvolver atividades comunitárias mais relevantes. Num bloco residencial se está constituindo um grupo de reflexão, constituído por universitários e profissionais liberais que no momento, como classe média, se encontram na oposição. Outros grupos estão em fase latente. No entanto, tudo está limitado pelo pouco tempo da experiência e pela indefinição da continuidade. O presbitério (diretoria paroquial na terminologia luterana) da Paróquia-centro não quer ver e talvez jamais sentirá a necessidade de um trabalho missionário libertador com a classe pobre. Reina a "ideologia" burguesa de que todos são iguais. Contudo, São Borja e adjacências constituem uma oportunidade para um trabalho na linha da libertação, pois os patrões não estão presentes nos trabalhos nem moram nessa área.

III PASTORAL INDÍGENA

5. Reflexões sobre o trabalho entre os índios Suruí, do Parque Indígena de Aripuanã (Rondônia)

a) Objetivos

tentativa de encarnação na vida e na cultura da Comunidade indígena;

participação decidida nas lutas da Comunidade, sobretudo a luta pela terra; implantação lenta e criteriosa de um programa de alfabetização que parta da comunidade indígena, suas reais necessidades, servindo de instrumento de defesa no confronto com a sociedade nacional envolvente;

facilitar o contato com outros grupos e líderes indígenas;

vivenciar o Evangelho de forma silenciosa, participante, comprometida e aberta às manifestações do Espírito Santo na Comunidade indígena (João 3.8).

b) Atividades

Dedicamo-nos em primeiro lugar ao aprendizado da língua indígena, mas de uma forma ativa dentro das atividades do grupo, cotidianamente, evitando estudos de escrivania com ajuda de informantes indígenas remunerados, como faz o Summer Institute of Linguistics. Toda a Comunidade e o dia-a-dia eram nossos mestres. Nossa hipótese é: a língua como parte da cultura só se conhece profundamente participando da vida da Comunidade e é nela, portanto, que se aprende melhor a falar e a compreender a língua indígena. Nunca, porém, significativamente, se aprenderá essa língua entre quatro paredes.

Participamos o quanto possível de atividades individuais e coletivas do grupo como: caçadas, derrubadas, roçadas, pescarias, festas, serviços cotidianos, como, corte de lenha, busca de alimentos, extração de borracha, acompanhamento de trabalhos artesanais, construção de malocas, acompanhamento das primeiras experiências de alfabetização, feitas pelo lingüista do Summer, além de algumas pequenas tentativas próprias.

denunciamos várias vezes a invasão das terras indígenas por colonos preteridos nos projetos de colonização do INCRA.

Com uma metodologia participante e claramente centrada na vida da Comunidade indígena, procuramos distinguir nossa presença do trabalho realizado por outros agentes na área indígena (FUNAI, SIL, antropóloga).

c) Êxitos e dificuldades

A plena aceitação do grupo indígena de nossa presença no seu meio, ultimamente inclusive nos convidando para vivermos com ele na aldeia, indica resultado positivo em nosso trabalho. O fato de nossa filha ter recebido nome do grupo (Pamalomid, que significa "aquela que há de fazer muita comida para nós"), nos ligou por laços de parentesco a um clã na aldeia e isto ajudou muito na aproximação e no contato, pois criou para nós um lugar próprio no seio do grupo. Além disso, parece que o nome de Pamalomid carrega uma expectativa do grupo em relação a ela.

Em termos de dificuldades, podemos citar:

choque de linhas de ação e prática com pessoal da FUNAI e também com a antropóloga;

a contradição inerente ao Convênio da Igreja Luterana com a FUNAI, por incluir a participação de lingüistas do Summer, bem como um atendente de enfermagem que, apesar de membro da Igreja, é funcionário da FUNAI e segue a sua cartilha;

a ambigüidade resultante do lugar onde moramos, a enfermaria do Posto. Era para ser moradia provisória até que os índios participassem e nos ajudassem a construir uma casa de palha para nós, o que não chegou a se concretizar porque fomos expulsos da área.

d) A Expulsão

Dois fatos ocorreram sucessivamente: primeiro, a proibição da ida de três índios Suruí à Assembléia de Chefes Indígenas, que se realizou na aldeia Paumari, Amazonas; segundo, na nossa volta da Assembléia Regional do CIMI (Amazonas Ocidental), onde de-

nunciamos a proibição acima, fomos expulsos da área indígena, pelas seguintes razões (da FUNAI): incompatibilidade generalizada com o pessoal da FUNAI, dentro e fora do Posto Indígena (atingindo até o delegado regional, Apoena Meirelles); e interferências na administração do Parque Aripuanã.

Nossa interpretação: Esta expulsão arbitrária é resultado por um lado do burocratismo da FUNAI e, por outro, do confronto entre duas linhas de ação e duas linhas políticas indigenistas opostas. Enquanto entendemos ser hora de criar espaço para que a voz dos índios se faça ouvir em alto e bom som e assim possam as comunidades indígenas caminhar com os próprios pés rumo à autodeterminação, a FUNAI continua com uma política autoritária, personalista e assistencialista, enquanto trava a luta indígena com seu projeto de integração numa sociedade, sabidamente, sem saída (ou entrada?) para os oprimidos.

IV VIVÊNCIA PASTORAL DIFERENTE

6. Experiência de Base fora dos Muros Institucionais da IECLB

(Diamantino, Mato Grosso)

Há dois anos um grupo de estudantes de teologia abandonou o seminário luterano, por considerar a estrutura da Igreja Luterana por demais estreita para uma opção significativa pelo povo oprimido. Quatro destes estudantes, a partir da amizade com um padre engajado na pastoral popular e libertadora, se transferiram para Diamantino, Mato Grosso, a fim de lá conviver com o povo e iniciar uma nova reflexão teológica e uma nova experiência pastoral. O trabalho se desenvolve em ambiente católico. O relato a seguir é desse grupo:

a) Objetivos

Inicialmente tentamos conviver com o povo para com ele aprendermos a sentir a vida. No ano passado (1978) a nossa convivência se restringiu mais ao Bairro da Ponte, na Escola, como pro-

fessores e em experiências comunitárias com o Grupo de Jovens existente na paróquia (católica).

A partir de 1979 engajamo-nos num trabalho a nível mais amplo, ligado à Comissão Pastoral da Terra (CPT). O objetivo desse trabalho é ajudar o lavrador a assumir a luta pelos seus direitos, tais como: terra, reforma agrária, justiça, educação, tomada de nova consciência de Igreja etc. (As atividades estão implícitas nessa colocação dos objetivos.)

b) Êxitos e fracassos

Vemos como êxito o nosso crescimento de consciência, o conhecimento real dos problemas brasileiros in loco, e a possibilidade de vivenciarmos nossas idéias cristãs. Tanto pelo povo do bairro como pelos lavradores do campo somos aceitos e isto nos insere diretamente no trabalho. No campo já participamos de algumas vitórias de posseiros e garimpeiros, apesar de serem ainda parciais. No bairro, estamos ajudando na construção de um Centro Comunitário, que é dirigido e construído pelo próprio povo.

c) Dificuldades

Não temos tido fracassos, porém muitas dificuldades.

As duas atividades citadas no item anterior não têm apoio por parte do clero da Diocese, com exceção de alguns padres e irmãs comprometidos com a mesma causa. A dificuldade se torna bastante grande, quando o povo percebe que o Bispo está totalmente contra o nosso trabalho. A visão de Igreja que possuem não lhes permite ver a ideologia que está por trás disso; muitas vezes pensam que somos contra a Igreja.

Como se não bastasse o impedimento da autoridade eclesiástica, há ainda os civis. Os políticos constantemente estragam o trabalho. O INCRA dificulta toda e qualquer iniciativa de união do povo.

Os carimbos, os rótulos que nos são dados, como "comunistas, subversivos, agitadores", isto principalmente por parte da Igreja-cúpula, muito dificultam o nosso trabalho.

Aconteceu

METALÚRGICOS DO RIO EM CAMPANHA

Garantia no emprego, salário profissional e jornada de trabalho de quarenta horas semanais serão, entre outras, as principais reivindicações dos duzentos e cinquenta mil metalúrgicos do Grande Rio, que renovarão, em outubro próximo, o acordo coletivo de trabalho com os patrões. A campanha reivindicatória foi lançada, com aproximadamente seis meses de antecedência, pois, segundo o líder da categoria, Osvaldo Pimentel, "o objetivo é organizar, mobilizar e conscientizar a classe, tanto de suas reais reivindicações como do encaminhamento de cada fase do movimento". O incentivo à sindicalização maciça também será uma das tarefas da campanha de mobilização. A partir de agora, serão realizadas assembléias mensais da categoria, para que nelas seja amplamente discutida a pauta de reivindicações, que se transformará em anteprojeto para ser enviado aos patrões.

BISPO ACHA QUE ABERTURA FALHOU

"O movimento do ABC desmarcou a abertura política, mostrando até que ponto ela é autêntica e como ela ignora as classes populares" — disse Dom Cláudio Hummes, Bispo de Santo André, ao fazer uma avaliação dos 42 dias de greve dos metalúrgicos. Para D. Cláudio, o sindicalismo saiu reforçado com a greve, "apesar de tudo o que se tentou com a repressão", e a decisão, a partir de agora, é de levar em frente um novo sindicalismo. Este novo sindicalismo, de acordo com o líder metalúrgico Lula, que conta com apoio do bispo, será de manter "mobilização contínua o ano todo, não apenas em períodos de dissídio". Com a greve — disse o Bispo de Santo André — reforçou-se a organização popular pelo Brasil afora, como um todo. O fato de ter sido uma greve de quarenta e dois dias, deu tempo a que todo o Brasil tomasse conhecimento dela, refletisse e se posicionasse mais em favor dos operários. Isto pode ser sentido,

segundo D. Cláudio, em todas as classes populares e mesmo na sociedade civil, "pois se soube que estava em jogo a participação do povo, a justiça social e toda a maneira de o Governo levar em frente o país em termos sócio-econômicos e políticos." Apesar de os metalúrgicos não terem obtido o que pretendiam, mas sustentarem um movimento por tanto tempo, mesmo com as lideranças presas, uma lição ficou e o Governo, na opinião de D. Cláudio Hummes, "deveria ir ao encontro do povo para solucionar os problemas, e não procurar defender-se contra o povo".

PESQUISA DO IBGE MOSTRA DISPARIDADES

No Nordeste, 69% de uma população economicamente ativa de 12,4 milhões de pessoas ganham até dois salários mínimos. Nessa faixa estão, portanto, 8,5 milhões de trabalhadores. Enquanto isso, na Grande São Paulo, estão na faixa de dois salários mínimos cerca de 1 milhão de pessoas, representando 22% das 4,8 milhões economicamente ativas. Já na região do Grande Rio, ganham nesta faixa cerca de 1,7 milhões para uma população ativa de 3,3 milhões, ou seja cerca de 800 mil pessoas. Resultados

da pesquisa nacional por amostra de domicílios, revelados pela fundação IBGE, no Rio, mostram a extrema disparidade econômica e social que prevalece na comparação dos Estados mais desenvolvidos — Rio e São Paulo — e o Nordeste. A população nordestina, a partir de cinco anos de idade, é de 28,9 milhões de pessoas, das quais mais da metade classificadas como analfabetas — 14,3 milhões de alfabetizados contra 14,6 milhões de analfabetos. Na Grande São Paulo, para um total de 9,9 milhões de pessoas nessa faixa etária, há 1,4 milhões de analfabetos, enquanto no Grande Rio, o total de analfabetos é de 1,1 milhão para uma população na citada faixa de 8 milhões de pessoas.

NO DIA DO MEIO AMBIENTE, PAULISTAS CONDENAM USINA NUCLEAR

Uma ação popular contra a decisão do Governo federal; ampliar o movimento para levá-lo às ruas se preciso; chegar a várias formas de boicote; foram as principais decisões do ato público, contra a instalação de usinas nucleares, que reuniu cerca de cem pessoas nas ruínas do Aberebebe, em Peruíbe. O ato foi marcado para comemorar o Dia Mundial do Meio Ambiente, mas a desapropriação de áreas em Peruíbe e Iguape, para a construção de centrais nucleares, assinada quarta-feira, transformou os discursos em manifestações de protesto.

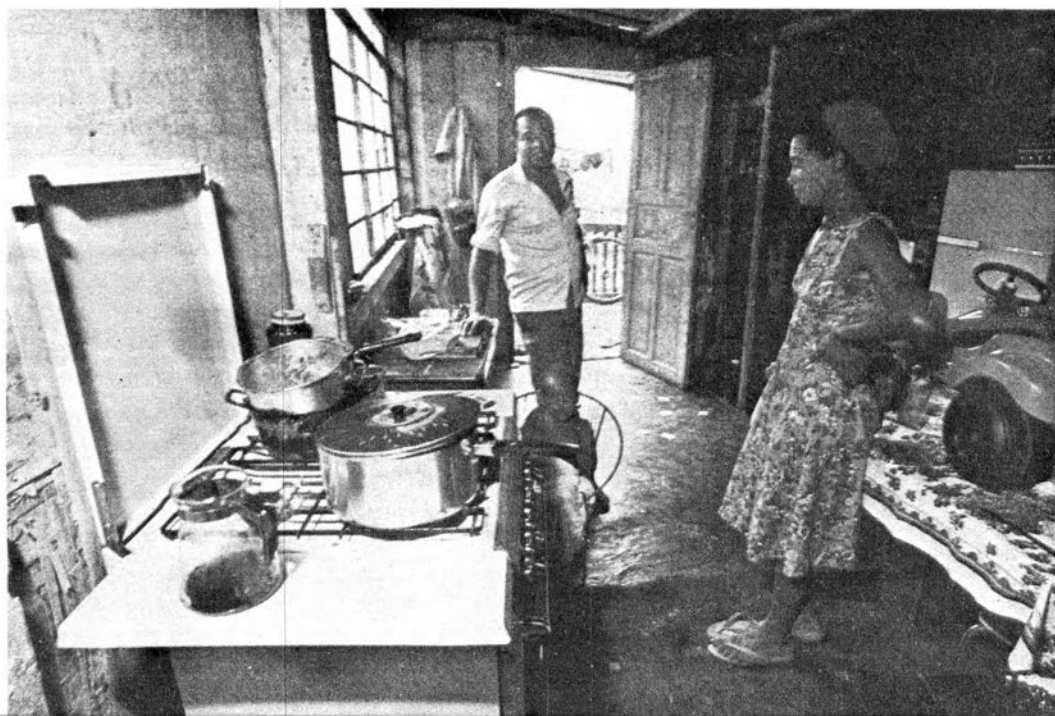
CONSELHO DE IGREJAS TEM PASTOR BRASILEIRO SECRETÁRIO

Uma assembléia de cento e dez denominações evangélicas (Oaxtepec, México, setembro de 78) organizou o CLAI (Conselho Latino-americano de Igrejas). O Brasil se fez presente com metodistas, presbiterianos independentes, congregacionais, luteranos e anglicanos. O brasileiro Gerson Meyer foi eleito secretário executivo por sua experiência no CMI (Conselho Mundial de Igrejas) onde foi secretário de Educação Cristã e da Comissão de Ajuda Intereclesiástica para a América Latina e Caribe.

"A América Latina — disse o Rev. Meyer — é a última das grandes regiões do mundo a ter seu Conselho Regional de Igrejas. O CLAI oferece às Igrejas membros bases estruturais que podem capacitá-las a responderem ecumenicamente às grandes exigências de nossa época, como a refletirem sobre sua vocação, a superarem as divisões do passado, a testemunharem com seu compromisso e a confrontarem-se com os grandes problemas do Continente Latino-americano."

Os principais programas do CLAI são: pastoral de solidariedade, ação social e desenvolvimento, direitos humanos, missão e evangelismo, mulheres e crianças, mordomia e relações ecumênicas.

Casa de metalúrgico em São Bernardo, S.P. Foto Sebastião Salgado Jr.



A greve dos trabalhadores do café na Bahia

GREVE PARA 14 MIL NO CAFÉ DA BAHIA

Transcorreu tranqüilo o primeiro dia de greve dos trabalhadores nas fazendas de café de Barra do Choça e Vitória da Conquista. Segundo o comando de greve, 14 mil camponeses paralisaram suas atividades, mas os produtores garantiram que "não há ninguém parado". O Tribunal Regional do Trabalho vai marcar, ainda esta semana, a audiência de conciliação, e, caso não haja acordo, emitirá julgamento sobre as negociações, uma vez que a greve não pode ser declarada ilegal, pois vem sendo conduzida conforme as normas. "O movimento está bem orientado pelos assessores jurídicos dos sindicatos dos trabalhadores", reconheceu o Delegado do Trabalho, ao assinalar um "ponto importante: a greve foi decretada por voto secreto", o que foi feito no mesmo dia em que os trabalhadores se reuniram para decidir sobre as reivindicações que encaminhariam aos cafeicultores. Segundo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Vitória da Conquista, Sr. Milton Ferraz, quatorze mil empregados estão parados em Vitória da Conquista e Barra do Choça, número que ele considera "significativo" para o início da greve, a primeira que se realiza na Bahia, no meio rural, depois de 1964.

BAHIA TEM PIQUETES EM FAZENDAS

A partir de hoje, o comando da greve dos trabalhadores de fazendas de café de Vitória da Conquista vai montar piquetes nas estradas, para impedir que trabalhadores de outros municípios substituam os grevistas. Segundo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Vitória da Conquista, Milton Ferraz dos Santos, estão parados pelo menos trinta e cinco por cento dos trabalhadores, aproximadamente quatorze mil trabalhadores.



CONTAG DENUNCIA INCIDENTE NA GREVE DO CAMPO

No primeiro dia de greve dos trabalhadores de cafezais de Vitória da Conquista e Barra do Choça (BA) ocorreram incidentes em três fazendas. A informação foi dada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura (CONTAG) que denuncia o fazendeiro Rogério Nunes de Andrade como autor de "violência contra os trabalhadores, para obrigá-los a voltar ao trabalho, contrariando a própria lei de greve". Na fazenda Capinal, informa a CONTAG, Rogério Andrade ameaçou de morte o camponês Vital Pereira de Oliveira e sua filha Pelionice Oliveira. Além disso, "partiram para ofensas morais ao Secretário da Federação dos Agricultores da Bahia, Aloisio Carneiro, ao secretário do Sindicato de Vitória da Conquista, Ormindo Moreira, agredindo ainda fisicamente o advogado da CONTAG, Luís Romeu da Fonte, que atuou na defesa dos trabalhadores". Em Iobim, distrito de Vitória da Conquista, os fazendeiros Ademar e Jesulino, gerente de uma fazenda, "estão ameaçando os trabalhadores de utilizar a força policial para obrigá-los a voltar ao trabalho". Apesar das ameaças, diz a CONTAG, "no primeiro dia de greve a paralisação foi superior a cinquenta por cento".

BOMBAS JOGADAS EM ASSEMBLÉIAS DE TRABALHADORES DO CAFÉ NA BAHIA

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Vitória da Conquista, Milton Ferraz Flores, denunciou que várias bombas juninas foram jogadas numa assembleia de trabalhadores no Município de Barra do Choça numa tentativa de impedir a reunião. Ele ficou de apurar os incidentes para levar ao conhecimento da polícia. Segundo ele, os produtores de café, numa tentativa de esvaziar o movimento grevista iniciado há quatro dias, estão contratando trabalhadores que vêm fugindo da seca nordestina. O comando grevista montou alguns piquetes para impedir a chegada de caminhões com trabalhadores, mas não teve muito êxito, pois os caminhões pegavam variantes nas estradas e seguiam para as fazendas. O comando da greve estimou em quatorze mil o número de trabalhadores em greve em Vitória da Conquista e Barra do Choça.

POLÍCIA INTERFERE NA GREVE DO CAFÉ

A greve dos trabalhadores rurais de Vitória da Conquista e Barra do Choça (BA), "teve sua situação bastante agravada em face da interferência indevida da Polícia Militar, que vem coagindo o comando da greve e impedindo o aliciamento dos trabalhadores e a propaganda pacífica do movimento, que luta por melhores condições de vida e trabalho". Em vista destes acontecimentos, tanto a CONTAG como a Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado da Bahia e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Vitória da Conquista enviaram telegrama ao Ministro do Trabalho, Governador da Bahia e ao secretário de Relações do Trabalho, protestando contra a "interferência indevida da polícia militar, coagindo o comando da greve". No telegrama eles denunciavam a ação "ilegal" da polícia que "divulga nota facciosa pela rádio local, fazendo propaganda patronal, alegando trabalhadores rurais desconhecerem legalidade no movimento, reconhecido publicamente legal pelo Delegado Regional e pelo Governo".

TRABALHADORES DO CAFÉ VÃO MANTER GREVE

A Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG) divulgou nota dizendo que os trabalhadores rurais da zona cafeeira de Vitória da Conquista e Barra do Choça (BA) decidiram continuar a greve "apesar das pressões exercidas pelos patrões e pela Polícia Militar". Segundo a CONTAG, os patrões vêm tentando diminuir o ânimo dos trabalhadores, oferecendo diárias mais altas às pessoas recrutadas para substituir os grevistas pagando, no entanto, uma quantia bastante inferior ao final do dia de trabalho. Os fazendeiros sofreram prejuízos e a própria pressão exercida pelos patrões contra o movimento reivindicatório, reconhecidamente legal e justo, confirma esta informação. Cerca de oito mil trabalhadores faltaram ao serviço. O movimento ganhou novo impulso depois da assembleia explicativa realizada na sede do Sindicato Rural de Vitória da Conquista, onde compareceram mais de três mil trabalhadores.

CONTINUA A GREVE NOS CAFEZAIS DO SUDOESTE DA BAHIA

A reunião na Junta de Conciliação de Vitória da Conquista, no sudoeste baiano, reunindo trabalhadores do café e fazendeiros, não conseguiu terminar com o movimento grevista na região, já que os patrões se mantiveram na sua posição de pagar apenas Cr\$ 130,00 por dia, recusando-se a aceitar a proposta mediadora da Delegacia Regional do Trabalho, que era de Cr\$ 155,00 diários. Os trabalhadores, representados na reunião pelo sindicato local, CONTAG e Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado da Bahia, depois de terem proposto, no início da greve, uma diária de Cr\$ 220,00, aceitaram a proposta feita pela Delegacia Regional do Trabalho, mas os fazendeiros não arredaram pé dos Cr\$ 130,00. O movimento grevista envolve cerca de doze mil trabalhadores.

AGENTE DE PASTORAL MORRE ASSASSINADO NO INTERIOR DO PARÁ

O agente pastoral de Vila Itapava (Pará), Raimundo Ferreira Lima, foi assassinado com dois tiros na manhã da última quinta-feira, nos arredores de Araguaína, conforme denunciou, em São Paulo, o assessor da Comissão Pastoral da Terra da CNBB, sociólogo José de Souza Martins. Raimundo Ferreira Lima, o "Gringo", era líder da chapa oposicionista às eleições para o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Conceição do Araguaia, atualmente presidido pelo ex-sargento Bertoldo, da Aeronáutica. O nome de "Gringo" estava numa lista de seis pessoas "marcadas para morrer", conforme jagunços da região, entre os quais o Padre Aristides e o agente de pastoral Inês. Segundo Martins, a lista foi divulgada por jagunços da IMPAR — Indústria Madeireira do Pará, devido à atuação daquelas pessoas por questões de posse da terra. A iminência de um conflito local foi, inclusive, denunciada ao Ministro da Justiça, através da CNBB.

TRABALHADORES FAZEM DENÚNCIAS

Oitenta por cento dos 220 mil trabalhadores do campo, ou seja, 175 mil camponeses, não ganham nem o salário mínimo e sofrem uma série de perseguições dos "supostos" proprietários das áreas do interior do Estado do Rio. A denúncia foi feita, pelo Presidente da Federação dos Trabalhadores Rurais, Eraldo Liro, ao adiantar que 25 mil lavradores estão ameaçados de despejo e impedidos de trabalhar, passando fome com seus familiares. Para Eraldo Liro, o Estado do Rio, possui, talvez, as melhores terras para plantio da região Sudeste, "mas o que vemos é o Governo do Estado dragar suas terras para favorecer grupos especialistas em especulação imobiliária, como está ocorrendo em Cabo Frio, Macaé, São Pedro da Aldeia, e outros locais do Vale de São João". Outra ocorrência apontada pelo líder dos lavradores é a de que enquanto falta feijão na mesa da família trabalhadora "temos terra, água e mão-de-obra suficiente para plantar e abastecer todo o Estado do Rio e exportar o excedente para salvar a nossa economia."

BÓIAS-FRIAS PEDEM REFORMA AGRÁRIA

"Reforma agrária em todo o País e uma política agrícola voltada para o pequeno proprietário rural, foram as duas principais reivindicações dos dois mil e quinhentos bóias-frias e minifundiários reunidos em Paranaíba, no Dia Nacional do Trabalhador Rural". Em outras cidades do Paraná, a data foi comemorada com festas e manifestações pelas grandes safras obtidas este ano. O encontro dos trabalhadores foi orientado pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Paraná, que reuniu os associados de 22 sindicatos rurais na região Noroeste do Paraná. Foi a primeira vez que os trabalhadores rurais paranaenses se reuniram em grande número. Segundo o presidente da Federação, Augustinho Bukoski, "a experiência deve-se repetir com mais frequência, para conscientizar o homem do campo na luta pelos seus direitos".

D. TOMÁS CRÍTICA NOTA SOBRE TERRAS DA IGREJA

O bispo de Goiás, D. Tomás Balduino, classificou o levantamento sobre as propriedades da Igreja como "falta de argumento e de competência de quem tenta usar esta pesquisa para tentar anular o mais importante documento da CNBB que é 'A Igreja e os Problemas da Terra'". Acredita ele que a publicação desta notícia não visa a um simples levantamento "mas uma notícia de política econômica, uma resposta ao mais sério documento produzido pela CNBB". Para ele, a notícia foi surpresa, pois esperava que a Igreja tivesse mais bens, num País onde só se fala de milhões de hectares e "os adversários devem estar frustrados, pois não conseguiram mostrar uma Igreja latifundiária, e assim mesmo ainda devemos fazer uma distinção entre o que é terra de diocese e terra de congregação". A presença da Igreja nos principais movimentos reivindicatórios foi analisada por D. Tomás como "resultado da clareza e força de opção. Vem do fato de a Igreja começar a conviver com o povo. Não foi a partir de uma reflexão, mas da convivência com o sofrimento, a inserção junto às camadas populares, entre lavradores, periferias, índios. A Igreja não está teorizando, está vencendo uma caminhada".

CONTAG DENUNCIA GRILAGEM NO PARÁ

A Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG) denunciou, em nota divulgada ontem em Brasília, a perseguição, por grileiros, contra oito mil famílias de posseiros no município de Vizeu no Pará. A prisão de um posseiro e a chegada de um batalhão da Polícia Militar ao Município, segundo a denúncia, são os novos componentes dessa perseguição, fazendo aumentar "o clima de medo e insegurança que já existia há algum tempo na região". Os posseiros, segundo a CONTAG, estão na região há mais de quarenta anos e "suas terras estão sendo griladas e eles sofrem toda espécie de pressões e violências". De acordo com nota distribuída pela CONTAG, "a grilagem na região é antiga e nela atuam grileiros de todo porte. Recentemente aumentaram as perseguições aos trabalhadores, depois que a empresa Cidapar grilou uma área de 400 mil hectares às margens da Rodovia Pará-Maranhão".

BISPO ACUSA GRILEIROS DE AGIR EM SOBRADINHO

O Bispo Diocesano de Juazeiro, D. José Rodrigues, confirmou as denúncias de ocupação das bordas do lago de Sobradinho por grileiros de várias procedências, que estão expulsando os pequenos agricultores os quais sempre viveram às margens do rio São Francisco. Ele adiantou que as denúncias estão contidas em documento elaborado pela CHESF com a relação nominal dos grileiros. Apoiado em levantamentos feitos pela Comissão Pastoral da Terra e pela Companhia Hidroelétrica do São Francisco, D. José Rodrigues denunciou que, com a valorização das terras após a construção da barragem de Sobradinho, as bordas do grande lago artificial formado na região transformaram-se no novo paraíso da grilagem na Bahia.

XAVANTES EXIGEM QUE FAZENDEIROS SEJAM EXPULSOS DE RESERVA

Pintados de preto e vermelho e vestidos de calção, dez líderes Xavantes ocuparam ontem a FUNAI, em Brasília, exigindo a expulsão dos fazendeiros da Reserva Indígena de Parabuburé, em Barra do Garças (MT) e o retorno do sertanista Odenir Pinto de Oliveira à chefia da aldeia de Barra. Entre os dez líderes estavam Aribuena e Ângelo, os caciques mais velhos da aldeia de Couto Magalhães e que nunca tinham vindo a Brasília.

PRÓ-ÍNDIO QUER JÁ A CRIAÇÃO DO PARQUE IANOMANI

A Comissão Pró-Índio de São Paulo e a Comissão pela Criação do Parque Ianomani encaminharam carta aberta ao Ministro do Interior, solicitando "a criação urgente do Parque Ianomani, nos moldes do recente projeto da FUNAI, em área de extensão suficiente e contínua". Na carta, a Comissão mostra-se "extremamente preocupada com o difícil andamento que tem tido a questão da criação do Parque, entregue recentemente ao seu Ministério", lembrando ainda ao Ministro que este, por ocasião da entrega do projeto original, em junho do ano passado, "manifestou-se solidário". O novo projeto de criação do Parque encontra-se há mais de um mês na Secretaria Geral do Ministério do Interior, devendo ser encaminhado, depois dos estudos, à Secretaria do Conselho de Segurança Nacional. Para a Comissão Pró-Índio, "não há mais motivos nem tempo que justifiquem a protelação de uma decisão favorável à criação do Parque. A opinião pública está sensibilizada pela questão indígena. Parlamentares, reconhecendo a importância da defesa de nossos índios, comprometeram-se recentemente e expressamente com a causa indígena". Diante destes fatos, a Comissão solicita que o Ministério se pronuncie imediatamente sobre o Parque para evitar "o genocídio do povo Ianomani, que se seguirá inevitavelmente à falta de sua proteção".



EXTINÇÃO É O QUE PARECE RESTAR À TRIBO DOS GUAJÁS

Se a situação da população indígena maranhense, calculada em pouco mais de oito mil pessoas, é considerada dramática por antropólogos e indigenistas, a dos Guajás constitui um caso especial. Embora vivam em permanente conflito com fazendeiros por questões de limites de terra, as demais tribos possuem o amparo formal do Direito às suas reservas. Com os Guajás isso não ocorre. Última nação exclusivamente caçadora-coletores do Brasil, esse grupo nômade vaga pelos vales dos rios Pindaré e Turiaçu, nos poucos lugares onde ainda não há fazendas instaladas, esquivando-se do contato com o branco que só lhe tem a oferecer doenças e balas de espingarda. Devido à inadaptação à vida sedentária e à perseguição constante por parte de fazendeiros, os Guajás foram obrigados a se dividir em pequenos grupos, isolados pelas matas do Maranhão. O fato de viverem exclusivamente da coleta e da caça não seria suficiente para que tivessem uma vida tranquila numa região onde há abundância de riquezas naturais. Mas os acontecimentos dos últimos 30 anos, segundo relato do antropólogo Mércio Pereira Gomes, da Universidade de Campinas, resultaram na perda de grande parte do seu território tradicional, na divisão de grupos que terminaram perdendo o contato entre si, e na morte de pelo menos dois terços de sua população.

ÍNDIOS CONTRA NOVA ESTRADA

Os chefes indígenas da tribo Sataré-Maué, da região do rio Andaraí, no Médio Amazonas, recentemente reunidos em assembléia, decidiram protestar contra a construção da estrada Maués-Itaituba, cujo traçado cortará ao meio a reserva indígena. A assembléia reuniu quinhentos e noventa e dois índios e contou com a presença de oito tuchauas sataré-maué, dos quais dois — Dico e Manuelzinho — chegaram a Manaus, para entregar à FUNAI as fitas gravadas durante o encontro, no qual os índios tomaram posição contra o traçado original da estrada. A Maués-Itaituba cortará a parte mais rica da reserva, onde os índios afirmam que existem ricos minerais, principalmente ouro e diamante. Falando à imprensa, os dois tuchauas afirmaram que, "se a FUNAI não reconhecer a gravidade que representa para os Sataré-Maués a construção dessa estrada, está claro que o Governo quer, mesmo, acabar com os índios". Para os missionários do CIMI a estrada Maués-Itaituba só será benéfica para os empresários do guaraná, já que facilitará o escoamento desse produto. "Também servirá, dizem os religiosos, para intensificar o contrabando de ouro e utilização dos índios como mão-de-obra escrava".

RESPONSABILIDADE SOCIAL DOS BATISTAS EM SIMPÓSIO DE INSTITUIÇÕES TEOLÓGICAS

A Associação Brasileira de Instituições Batistas de Ensino Teológico estuda a possibilidade de editar uma revista teológica brasileira e pretende realizar simpósio em janeiro de 81 sobre temas como: missões, pneumatologia, teologia da libertação, responsabilidade social dos batistas e teologia do sucesso. A ABIBERT (presidente, Dr. David Malta do Nascimento) reúne todas as instituições de ensino teológico do País numa denominação que tem cerca de setecentos mil membros em todo o território nacional.



Moura

"É PRECISO DENUNCIAR A VIOLÊNCIA" — FALA ARCEBISPO CATÓLICO EM UNIVERSIDADE METODISTA

A Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) encerrou Simpósio sobre a Violência (18 de abril). Do simpósio participaram outros oradores (Bispo Paulo Ayres, Dr. Warwick Kerr, Rev. João Dias, Prof. Marcelino Pereira Martins, Dr. Dalmo Dalari e outros).

A palestra de D. Paulo Evaristo Arns, assistida por mais de mil pessoas teve momentos de vibração. Destacamos algumas frases e pensamentos de seu trabalho: "Estive, durante toda a manhã, tentando evitar que houvesse violência no ABC, a fim de que nenhuma das partes se sentisse humilhada nas conversações ainda possíveis (era o décimo oitavo dia da greve)."

"Nestes dez anos venho resistindo e denunciando a violência sempre que tomo conhecimento de alguém vitimado por ela."

O prelado católico lembrou Abel, Caim, Davi e outros que foram envolvidos pela violência. Lembrou também a luta dos profetas contra a opressão social e as lamentações dos povos através dos tempos. Afirmou que Cristo mesmo foi a grande vítima da violência quando foi considerado revolucionário por ter denunciado um sistema injusto. No plano social, o Evangelho é revolução na medida em que a própria justiça é violenta. Jesus veio propor a reconciliação entre a sociedade violenta e a vítima.

"Acho — prosseguiu — que a Igreja, se quer ser fiel a Cristo, mesmo temendo, tem que denunciar a tortura e a violência, pois enquanto o ser humano sofrer, Cristo sofre junto."

Citando Josué de Castro, enfatizou que a fome é uma violência de todos os dias, todas as horas, atingindo a uns porque não comem, a outros porque não dormem e, a outros ainda, porque têm medo. Observou que as multinacionais "criam" a fome entre o povo simples, incentivando-o a comprar o supérfluo, ou então "incentivando" o progresso apenas para uma certa camada da população. Citou ainda a violência da corrida armamentista, da falta de verbas para a Educação e Saúde (o Brasil está em trigésimo terceiro lugar nesse setor) e Educação e Saúde podem ser considerados "filhos enjeitados do País". Ressaltou que a substituição dos líderes do ABC era também violência.

Durante quase cinco minutos foi aplaudido quando leu o final do poema "Que País é Este?" de Affonso Romano de Sant'Anna que diz:

*"Povo — não pode ser sempre coletivo de fome.
Povo — não pode ser um sêquito sem nome.
Povo — não pode ser diminutivo de homem.
O povo, aliás, deve estar cansado desse nome embora o seu instinto o leve à agressão e embora o aumentativo de fome possa ser revolução."*

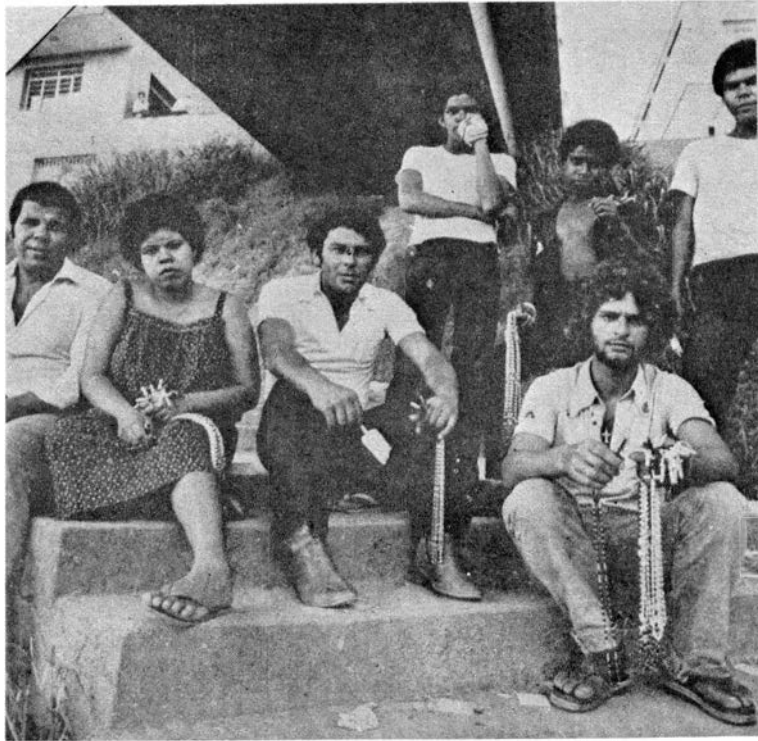
BISPO CATÓLICO PROMOVE COLABORAÇÃO ECUMÊNICA DE SOLIDARIEDADE COM BATISTAS

O telhado da Igreja Batista em Alagoinhas (BA), após um culto de domingo desabou de forma espetacular. Eram muitos os crentes reunidos poucos minutos antes no templo. Muitos feridos, alguns gravemente, mas não houve mortes. Cadeiras, bancos, púlpito, bíblias se perderam na destruição do montão de telhas, vigas e reboco. No dia seguinte, tomando ciência do acontecido, o bispo José Cornelis visitou a Comunidade que se reunia para dar graças pela tragédia de que tinham escapado. Havia alguns pastores e algumas dezenas de crentes. Logo que o reconheceram à porta do templo, convidaram-no a participar da oração em lugar de destaque. O bispo decla-

rou que sua visita era de irmão para irmão, solidário e disposto a colaborar na recuperação do santuário. O gesto criou ambiente de partilha e comunhão fraterna. Pastores e crentes, todos abraçaram o irmão-bispo católico. Reconheciam que era uma celebração ecumênica algo diferente.

Voltando ele a sua casa, logo movimentou grupos católicos que rapidamente levantaram uma oferta especial para ajudar aos irmãos batistas.

Um povo que, indiferente às distinções de nível teológico, sabe partilhar dores, sofrimentos e lutas traduz o que de mais autêntico pode haver a nível ecumênico. O fato deu-se em março deste ano e foi noticiado pelo jornal secular "Comunhão" (Alagoinhas) e pelo "O Batista Baiano", órgão oficial da Convenção Batista Baiana.



LUTERANOS QUEREM EXPULSAR PASTOR QUE DEFENDE POSSEIROS

Dario Scharffer, pastor luterano da Região de Juiz de Fora, teve seu trabalho a favor dos direitos de pequenos agricultores e posseiros interrompido por um pedido de demissão que lhe foi imposto pelo Presbitério Local (quinze pessoas). Estes e outros são na maioria industriais e comerciantes que detêm maior poder aquisitivo na Comunidade. O documento em que se baseia a ação oficial aduz todos os argumentos em que luteranos manifestam seu descontentamento com o pastor que, segundo alegam, não está baseando suas pregações apenas em temas circunscritos aos textos evangélicos.

Segundo o pastor Scharffer "a única coisa que posso falar em meu favor é que minhas pregações nunca adotaram um sentido puramente ideológico e sociológico, mas teológico, baseadas em textos bíblicos. E esses textos estão repletos de ensinamentos cristãos em favor dos oprimidos, dos pobres e, principalmente, do próprio Cristo". Noutra declaração, diz o Rev. Dario: "Eu não fiz pregações também teológicas, mas exclusivamente teológicas."

O pastor Dario enumerou uma série de textos bíblicos dos Evangelhos de Mateus e Lucas e das

Epístolas de S. Paulo a Timóteo e de S. Tiago para justificar, pelas Escrituras Sagradas, o tipo de ministério que exerce. Citou o pronunciamento oficial de sua Igreja, a Evangélica de Confissão Luterana, assinado pelo seu presidente, pastor Augusto Ernesto Kunert e Conselho Diretor Nacional. Mencionou ainda palavras do Vice-presidente dos luteranos — denominação que conta 800 mil membros —, Rev. Gottfried Berkemeier, no Concílio Geral de Joinville (1978): "A ação cristã tem evidentes dimensões políticas cabendo aos cristãos a tarefa de praticar o amor através da participação política ativa". Lembrou ainda as palavras do seu bispo (que os luteranos chamam "pastor distrital"), Albérico Baeske, no mesmo Concílio, e a própria Confissão de Augsburg, símbolo da fé dos protestantes, endossando perfeitamente a linha teológica do seu pastorado.

Disse Scharffer: "A elite da Comunidade de Juiz de Fora não concorda com pregação política (não política partidária, evidentemente, mas nem com política no seu sentido amplo) e que contenha crítica às autoridades, por isso pediu que eu renunciasses". Mas ele não vai fazer isso, por ter certeza de que está certo. Cita a Confissão de Augsburg: "A respeito de autoridades civis, as

Igrejas Evangélicas Luteranas ensinam que legítimas autoridades civis são boas obras de Deus e é permitido aos cristãos exercer cargos públicos sem que isso seja pecado. Condenam os anabatistas, que ensinam isto ser anticristão. Por isto, é dever dos cristãos obedecer a suas autoridades e às leis **se isso pode acontecer sem pecado. Onde, porém, é impossível, deve-se obediência mais a Deus do que aos homens**".

Note-se que não há, na atitude rebelde de Scharffer um desrespeito pelos direitos da comunidade. É também bíblico: "Se a trombeta der somido incerto, quem se preparará para a batalha?" e é justíssima a possibilidade de protesto, quando um pastor se afasta da Bíblia. Mas positivamente, não é o caso na grande cidade mineira. Scharffer tem a seu favor a Palavra de Deus e os documentos oficiais de sua Igreja. Estão ao seu lado os membros mais humildes da Comunidade, e, nas suas palavras, "a eles nunca ninguém pediu opinião sobre nada".

Na possibilidade de o pastor resolver, com o apoio do Pastor Distrital, manter-se na Igreja local, acha ele que o Presbitério se demite em boa parte, porque "eles acham que são a Comunidade e não apenas representantes dela". Considera também que

sua missão é manter a paz e a unidade da Igreja mas não às custas de pregar um Evangelho diferente.

"Um pronunciamento que fiz sobre a violência no Concílio Distrital (15 de abril, Juiz de Fora) precipitou as coisas", diz o Rev. Dario. "Afirmar que a violência vem da situação social, e que o Governo é responsável por isso". Pôs-se também ao lado dos professores grevistas de Minas. Isto irritou alguns líderes leigos. "Estão comprometidos demais com a situação que está aí para ouvirem com isenção o som do Evangelho. Elas não querem ouvir nem dialogar, rejeitam qualquer alternativa que possa vir a abalar a sua segurança social".

Para nós do CEDI, é triste lembrar que tais fatos se dêem exatamente na Comunidade que, há poucos anos, teve em seu pastorado a figura sempre lembrada de Breno Schumann, tragicamente morto.

A crise que está envolvendo o Pastor Scharffer teve seu clímax a 24 de maio último e, semanas antes, líderes religiosos católicos e protestantes, clérigos e leigos tinham feito manifestação ampla de apoio ao pastor luterano, pai de Andrea e Marcos, seis e quatro anos respectivamente.

(Estas notas foram extraídas de "O som do Evangelho")

DEMOCRACIA, A PARTIR DAS BASES

"Nosso programa é diferente porque é democrático: nele, quem manda são as bases. É diferente porque está presente em todas as lutas do movimento popular — em vez de aparecer apenas em épocas de eleição — respeitando e defendendo a autonomia das organizações populares, maior garantia de sua existência como partido dos trabalhadores", diz o programa do PT. "Partido de massas, amplo e aberto, baseado nos trabalhadores da cidade e do campo", acrescenta, "o PT é diferente também por causa de seus objetivos políticos: lutamos pela construção de uma democracia que garanta em todos os níveis a direção desses trabalhadores nas decisões políticas e econômicas do País, segundo seus interesses e através de seus organismos de base".

Outro ponto do programa lembra que um dos grandes problemas da sociedade brasileira atual é a democracia. "Garantir o direito à livre organização dos trabalhadores, em todo os níveis", é hoje, para o PT, a luta democrática concreta. "A democracia que os trabalhadores propõem como valor permanente, portanto, é aquela que não admite a exploração econômica e a marginalização política de muitos milhões de brasileiros, que constroem a Nação com seu trabalho".

O PT acha que o combate a todos os instrumentos jurídicos ou policiais da repressão política é uma das prioridades para que atinja a democracia efetiva. Assim, o partido prega a "luta contra a Lei de Segurança Nacional e demais instrumentos de arbítrio". E observa: "Enquanto não forem desativados os órgãos policiais que violentam as organizações e movimentos populares, só haverá democracia no papel. A maior e mais ampla liberdade de

organização partidária é condição elementar para garantia de eleições democráticas". A agremiação de Lula argumenta, ainda, que "a luta contra a miséria, a doença, a ignorância e os preconceitos, não são independentes da luta por liberdade e justiça".

Também a defesa dos grandes temas nacionais, "a partir da perspectiva daqueles que constroem a nação", está nas preocupações do PT, que quer buscar "o enraizamento do partido e de suas plataformas de ação nas massas dos trabalhadores, evitando as soluções de cúpula. Por causa disso, a agremiação se diz essencialmente democrática "e terá este caráter refletido" em sua democracia interna, ou seja, nas relações entre seus filiados militantes, lideranças e parlamentares".

O PT quer que seu programa seja "aprofundado permanentemente" por seus membros e detalhado pela prática política dos traba-

lhadores no Partido. "Sua característica geral, fundamental para um partido dos trabalhadores, é o compromisso de permanente participação junto aos movimentos sociais e na defesa dos interesses populares".

O programa do PT diz também, em seu último parágrafo: "No Brasil de hoje, onde são negados os interesses de todos os trabalhadores, de camponeses a médicos, de operários a engenheiros e professores, enfim de todos, desde os trabalhadores braçais até profissionais especializados, artistas, jornalistas, comerciários, trabalhadores autônomos rurais e urbanos, o PT é um instrumento indispensável da ação política dos trabalhadores para suas conquistas econômicas e sociais. São convidados ao ingresso e à participação no Partido dos Trabalhadores todos os brasileiros solidários com esta proposta de ação política, expressa neste programa partidário".

AS IGREJAS PROTESTANTES DÃO APOIO A DOCUMENTO DE ITAICI

As Igrejas Católica, Evangélica de Confissão Luterana, Episcopal e Metodista Brasileiras entendem que a terra é instrumento de promoção do homem, "e como tal deve ser encarada", conforme expressaram ontem em reunião realizada por seus dirigentes, em Porto Alegre. O encontro, que se repete duas vezes por ano, serviu também para que se discutissem os estatutos do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs — CONIC —, ainda em fase de criação. Como de hábito, na reunião foi debatido um tema ligado à realidade nacional — desta vez, a questão da terra, tendo o documento da Igreja Católica, a respeito, merecido amplo apoio. O CONIC, esclarece D. Ivo Lorscheiter, presidente da CNBB, terá como objetivo colocar-se a serviço "da unidade de Cristo", refletindo sobre questões teológicas e aspectos que digam respeito às Igrejas, na sua missão evangelizadora. Sadi Machado, presidente do Colégio Episcopal Metodista, complementou informando ser também objetivo do Conselho a reflexão e tomada de posição sobre a realidade brasileira, "confrontando-a com a mensagem do Evangelho". Segundo Machado,

o CONIC buscará igualmente empenhar-se na promoção de direitos e da dignidade da pessoa humana, e "na demanda do amor e serviço ao próximo, em forma de justiça e paz". Nesse sentido, explicou Augusto Kunert, representante da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (IECLB), as quatro instituições identificam linhas de ação comum, entre as quais a avaliação do problema da terra no Brasil. O grupo, reunido, apoiou o texto "Igreja e Problemas da Terra", apresentado pela CNBB em Itaici; o documento dos bispos gaúchos defendendo a reforma agrária, tornado público meses atrás e o alerta que a IECLB fez ao Governo, de que a construção de 43 barragens pela ELETROSUL, ao longo do Rio Uruguai, deixará sem terras quase 300 mil colonos e milhares de índios, além de prejudicar seriamente o meio ambiente.

Cartas

O número sobre a Igreja dos Pobres está muito bom, é material de primeira linha. O mais incrível é perceber como depois de muitos anos as Igrejas estão redescobrendo a dimensão mais viva do Evangelho: os pobres. Acredito que esta manifestação do Espírito trará mudanças importantes para o nosso trabalho missionário. Deus abençoe vosso trabalho.

Helena e Carlos
Rio Grande — RS

Temos recebido regularmente as publicações do CEDI e gostamos bastante como ferramenta para o nosso modesto trabalho no meio popular. Até chegamos a aconselhar o periódico Tempo e Presença e as demais publicações a nossos colaboradores. Já fizemos uma assinatura no começo deste ano para a Pastoral Operária de Teresina e hoje vamos fazer outra em favor da equipe Fase de São Luís. Agradeço pela atenção, e votos sinceros de um sempre melhor êxito no trabalho da equipe.

Horácio e Paola
Teresina

... As publicações da sua equipe me ajudam muito para a minha reflexão pessoal como para as minhas aulas de teologia que dou no Instituto de Teologia. Recebi nestes dias os números 3 e 4 de Cadernos do CEDI com a carta de Tempo e Presença...

Jean Bauzin
Salvador.

O que está havendo com vocês que não temos recebido mais os números mensais do Boletim? A gente fica esperando, esperando e está demorando muito.

José Avelar
Ceará

Resposta de TP

Nossos atrasos são devidos a problemas internos com a mudança de nossos quadros de colaboradores. Por outro lado, o aumento do preço do papel e dos filmes nos leva a ficar procurando gráficas com preços mais razoáveis. Acreditamos que, num curto espaço de tempo, teremos colocado em dia nossas publicações. Contamos com a sua paciência e amizade.

RELIGIÃO E SOCIEDADE

Saiu o nº 5 da revista Religião e Sociedade, incluindo artigos sobre a Igreja da Polônia, um estudo sobre o islamismo no Irã, conclusões de uma pesquisa sobre a participação dos pentecostais nos sindicatos do Nordeste e ensaios sobre medicina popular. Uma farta documentação sobre o que saiu nos jornais do Brasil sobre o conflito Igreja e Estado de 1964 a 1978.

A revista está sendo editada por Tempo e Presença e se alguém quiser uma assinatura é só enviar um cheque nominal para Tempo e Presença Editora (Av. Princesa Isabel 323 s/10012, Rio de Janeiro, no valor de Cr\$ 450,00. A assinatura dá direito a dois números consecutivos.)

ESTUDOS BÍBLICOS DE UM LAVRADOR, Suplemento 25

Em segunda edição, este suplemento tem a simplicidade e a espontaneidade do falar do povo. Pouco ou quase nada se fez para retocar o texto, exceto naquilo que pudesse dificultar o leitor que não está integrado com o campo. É bastante autêntico e é a voz de um lavrador que resume o que outros foram soltando na conversa.

Estas publicações estão à venda pelo Correio, ou diretamente no CEDI-RJ e CEDI-SP ao preço unitário de Cr\$ 30,00.

ACONTECEU EXTRA NOVOS PARTIDOS

Um documento sobre a evolução do processo de formação dos novos partidos. Composto-se de Programas e Manifestos, Quem é Quem, Composição no Senado e na Câmara, Falaram..., Artigos Assinados e Anexos.

Dossiê que visa colaborar para a compreensão do processo de rearticulação partidária. (À disposição nos CEDIs ou pelo Correio, cada exemplar Cr\$ 50,00.)

CADERNOS DO CEDI Nº 3 O MEIO GRITO

Estudo sobre Condições e Direitos Associados ao Problema da Saúde. Esta pesquisa, desenvolvida na Diocese de Goiás, procura mostrar como o povo analisa a sua "doença", a exploração desenfreada que dela decorre, a comercialização da medicina e a industrialização da doença, abrindo um importante espaço de atuação a nível das comunidades rurais. São subsídios importantes para os agentes de pastoral que trabalham nas comunidades de base.



CADERNOS DO CEDI Nº 4 POR UMA IGREJA SOLIDÁRIA COM OS POBRES

Com uma temática ecumênica este caderno evidencia que a luta dos cristãos pela justiça não é compromisso exclusivo de nenhum grupo, mas uma questão de fidelidade ao Evangelho de Jesus Cristo. Este documento foi aprovado pela Comissão de Participação das Igrejas no Desenvolvimento do Conselho Mundial das Igrejas.

ACONTECEU ESPECIAL 1980 ABC DA GREVE

Uma síntese completa do desenrolar da greve do ABC acrescida de artigos interpretativos. Material contundente e importante para os agentes de base. À disposição nos CEDIs ou pelo Correio. Cada exemplar Cr\$ 50,00.

Dai-nos o pão, senhor, fazendo com que os patrões paguem salários justos, com que as leis sejam justas para os trabalhadores e os pobres, com que todos lutem por mais justiça, mais compreensão, mais solidariedade.

D. Paulo Arns; Missa de Corpus Christi 1980

Nosso programa é diferente porque é democrático: nele, quem manda são as bases. É diferente, porque está presente em todas as lutas do movimento popular — em vez de aparecer apenas em épocas de eleição — respeitando e defendendo a autonomia das organizações populares, maior garantia de sua existência como partido dos trabalhadores.

Do Programa do PT

Pior ainda será, se o próprio Papa for iludido pelo calor envolvente de uma amizade hipócrita que ele terá nos banquetes dos Anás, dos Caifás, dos Herodes e dos Pilatos. Pior será, se ele iludido pelo aparato que se fará em torno dele e que o transformará no bezerro de ouro, de tal maneira que o Cristo, que ele anuncia, não possa ser visto no operário explorado nas fábricas do ABC, nem no camponês miserável das nossas roças, nem nos professores humilhados e marginalizados do Brasil. Seria bom que ele visitasse de fato uma favela, mas não uma favela urbanizada e arrumada às pressas para esperá-lo e tapeá-lo. Que ele visitasse não o Cristo do Corcovado, mas o Cristo injustiçado e preso por defender os direitos dos metalúrgicos, o Cristo que passa a noite nas filas do INAMPS, o Cristo migrante sem terra para morar, o Cristo bóia-fria, biscateiro e desempregado.

Da carta enviada ao presidente da CNBB pelos cristãos de Teófilo Ottoni, MG

Que ele (o Papa) venha dizer que a propriedade privada da terra e das fábricas, de todos os meios de produção em função do capital, é uma imoralidade, uma aberração, que está privando o nosso povo das condições mínimas de sobreviver como gente, como pessoa humana e filhos de Deus.

Da carta dos agentes de pastoral e comunidades populares da Arquidiocese de Olinda e Recife.

Para nós das demais igrejas cristãs, toda a expectativa é no sentido de que o Papa incentive a aproximação das doutrinas e apele pelos oprimidos.

Bertholdo Weber, Pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana

As bênçãos do Papa são de pouca valia e até seria bom evitá-las para não se cair em desgraças...

Pastor Josias Soares Ribeiro, da Igreja Batista de Redenção do Tucuruvi

CEDI
Centro Ecumênico de Documentação e Informação
Rua Cosme Velho, 98 fundos — Cosme Velho
Tel.: 205-5197
22241 Rio de Janeiro, RJ

Av. Higienópolis, 983
01238 São Paulo, SP

ATÉ QUANDO, GENERAL?

Boletim da Diocese de Marabá
Maio de 1980.

Exmo. Sr.

Gal. B. da Manoel de Jesus e Silva
Comdte. do 23º B. de Inf. S1.
Nesta.

Senhor General,

Acabo de receber um relatório do Pe. Paulo, com referências aos grandes conflitos ora em crescimento na PA 150, envolvendo numerosos posseiros e alguns grileiros como os Srs. Basílio, Geraldo Veloso, Dão, Osanir e os Capixabas.

Estamos chegando a um clímax nestas tensões e muito pouco, ou muito lentamente estão agindo as Autoridades responsáveis na busca de uma solução justa.

Os grileiros sentem-se cada vez mais fortes, podem tratar de igual para igual com as autoridades, com os soldados, etc., o que lhes dá margem para todo tipo de desmandos, de abusos, de barbaridades, que evidentemente, jamais reconhecerão terem praticado.

Os posseiros vivem sempre sob a mira dos fatores da lei, sempre ameaçados, porque não têm como falar com qualquer autoridade, e, lá no fundo na mata, estão expostos a todo tipo de crueldade, vendo a morte de alguns companheiros permanecer impune. Agora não dá mais para agüentar isso, Sr. General. A paciência do povo se esgota. Que Regime é este nosso, que só assina com eficiência a solução dos problemas dos ricos e dos que têm a força econômica na mão? Que Regime é este que assiste de braços cruzados ao esmagamento progressivo de centenas de pobres, só porque são pobres? O pobre é sempre malandro, é sempre criminoso, é sempre o ladrão, é sempre o invasor. O rico é sempre o homem de bem, com todos os direitos do seu lado.

Senhor General, esta situação da PA 150, está clamando aos céus, está

ferindo a imagem de Deus, presente nestes posseiros, e está onerando a consciência dos que têm uma parcela de autoridade nesta região. O Senhor General se confessa católico convicto. Pois bem, como Pastor eu lhe digo que seu sono não pode ser tranqüilo e sua fé não poderá permanecer inativa diante deste quadro, que se agrava a cada dia, já há tempos.

De cem casos, um é mais ou menos resolvido, e o resto vai se avolumando na gravidade e no descuido dos que devem resolver com justiça os conflitos tremendos que esmagam nossa gente. Os pistoleiros campeiam por aí, rindo sarcasticamente na cara do povo amedrontado, de mães de famílias apavoradas, de chefes de famílias humilhados...

Até quando, Senhor General?

Receio que esteja para estourar coisa bem desagradável por aí, com muito sangue correndo, e nós o que vamos fazer? A Igreja não pode, sob pena de trair seu mestre, pedir a um povo torturado pela insegurança e ameaças constantes, que *tenha paciência*. Isto

seria uma afronta à dignidade humana deste povo pisoteado.

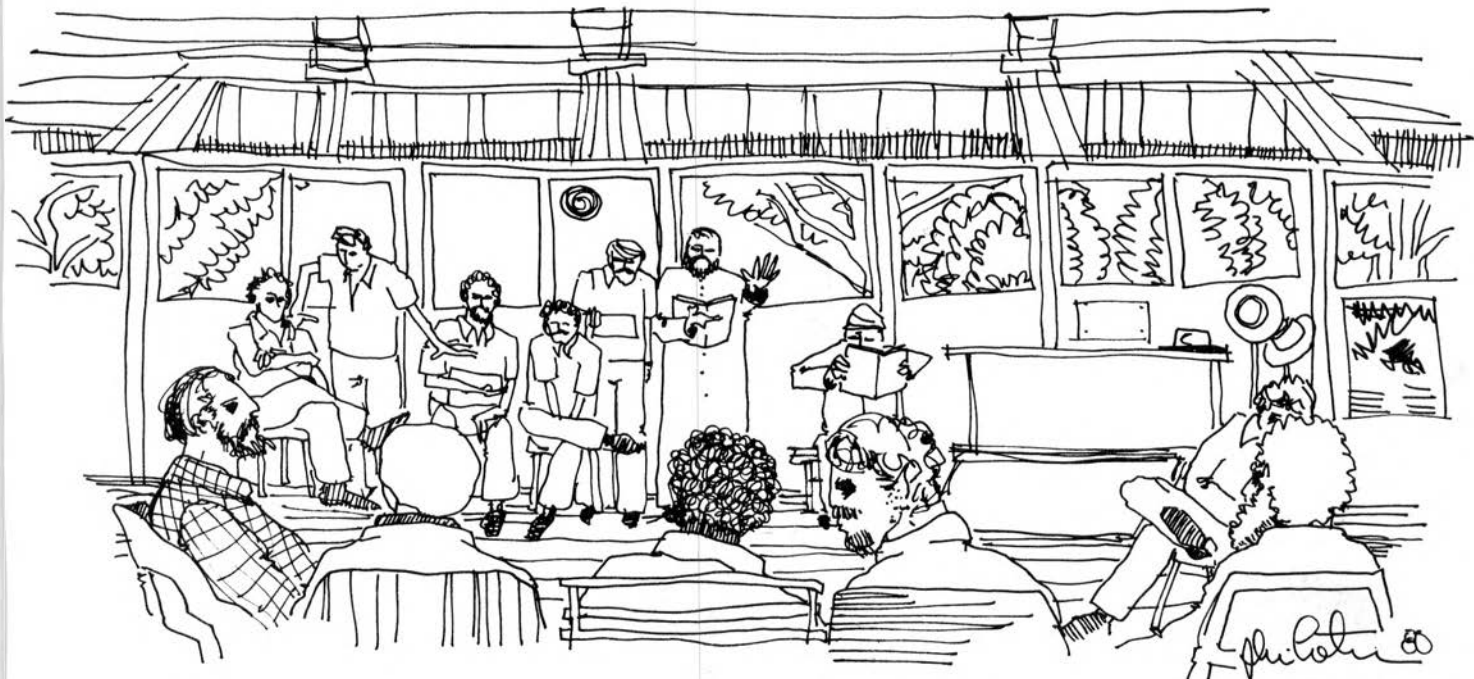
Os Juizes só atendem os ricos, é, já a priori, antes de qualquer exame atento e objetivo dos conflitos, lhes dão toda razão. *Basta* de tanta infâmia, senhor General, *basta* de tanta venalidade e de tanta corrupção. Hoje, dia do *Pentecostes*, sugiro ao senhor General que coloque seu espírito em oração diante do Paráclito Divino, e peça a força necessária para *agir* com rispidez e firmeza, a fim de que tenham ponto final estes desmandos e toda esta arbitrariedade deste grupo de grileiros da PA 150.

É o mínimo que se pode exigir de cada um de nós, cristãos, que nos pretendemos discípulos de Jesus Cristo, que derramou o seu sangue para libertar todos os homens das forças do Mal.

Que esta subversão verdadeira mereça o enérgico combate que há muito tempo vem se fazendo necessário, senhor General.

Fr. Alano Maria Pena op
Bispo de Marabá





os lírios (Ct 4.5). Ela diz que chegou o tempo das canções, que acabou a chuva e que as vinhas estão perfumadas. Ele diz que seu amor é melhor que o vinho, que debaixo da sua língua existe leite e mel, que seu ventre é como um campo de trigo rodeado de lírios e que nela bebeu seu vinho e seu leite. E ela diz que ela é para seu amado e seu amado é para ela. Jesus agora quis fazer ver que com ele chegavam essas bodas. João Batista ao chamá-lo Messias o havia chamado de esposo. E em várias parábolas falou do Reino dos Céus como umas bodas ou como um banquete de bodas, e dele, como esposo.

Felipe

Não haverá pessoas sós nem frustradas, né? Esse amor vai ser para todos, para todos mesmo, ninguém será excluído dessas bodas. Essa será a verdadeira justiça social.

José Alaniz

É isso mesmo. O homem não só tem necessidade de pão e vinho e de todas as colheitas, mas também necessidade de amor. Deve saciar essa necessidade de amor.

Cardenal

É isso. Ninguém ficará sem esses beijos, sem esse vinho do Cântico dos Cânticos.

Olívia

Todos, homens, mulheres, velhos, crianças e até os bebês, todos formando um só corpo: a humanidade, a esposa amada por Deus.

Laureano

Estamos lutando para fazê-lo melhor. Essa luta é a revolução.

Alexandre

Agora eu já estou vendo mais claro porque todos nós devemos querer e lutar. Vejo claríssimo: a humanidade é uma coisa muito preciosa já que Deus está apaixonado por ela, e se é tão preciosa para ele, deve ser também para nós. E é muito importante pois, fazer que ela seja perfeita, que seja santa, e isto é a revolução.

Carlos Alberto

Deus é amor. A humanidade terá umas bodas com o amor.

"Assim que o encarregado chamou o noivo e disse: Todo mundo serve primeiro o melhor vinho e quando os convidados já beberam bastante, então serve o vinho comum. Mas você deixou o melhor vinho para o final" (v 10)

Ângel.

É claro. No princípio de uma festa se serve a melhor bebida, quando todos já estão alegres, dá-se qualquer outra.

Olívia.

As alegrias do mundo são melhores primeiro e depois se convertem em decepções. Com a alegria que Deus dá é ao contrário.

Marcelino

Eu penso que a alegria da fraternidade, a sociedade perfeita que Deus prepara para a humanidade é a grande festa. Mas o melhor vinho desta festa será o último: a vida eterna.

Pablo Hurtado

Isto mostra que não tinha muito respeito por essas cerimônias de purificação. A conversão dessa água de purificação em vinho é também uma figura de conversão da lei legalista dos judeus em lei do amor. Se toda esta água que eles tinham para purificar se fez vinho, como iriam fazer agora as suas cerimônias? Seguramente alguns lhe teriam perguntado: "Mestre, e agora como é que me purifico"? E ele lhes terá contestado: "Bebendo, ora essa!"

Dom Júlio

Eu vejo uma coisa: nessas talhas cabia muita água. O que quer dizer que tinham muita purificação. Eram muito exagerados. E ele exagerou dando-lhes muito vinho.

Pablo

Seiscentos litros. Bebeu-se paca.

Cardenal

Havia gente que não bebia vinho e que jejuava muito, os essênios... os discípulos de João, o Batista... gente muito rigorosa como tantos que conhecemos. E veriam com muito escândalo que Jesus fizera este milagre tão profano.

"O encarregado da festa provou a água que se havia convertido em vinho, sem saber de onde era, só os serventes o sabiam pois eles haviam colocado a água nas talhas" (v 9)

Oscar

O vinho, para mim, significa alegria, festa. Estar alegre. Gozo. Também amor. Quis fazer-nos entender que trazia gozo, alegria e festa.

Olívia

Alegria e também reunião. O vinho une. Ele vinha trazer a união aos homens. Mas há também licores que desunem e que produzem litígios.

Angel

Também o licor, quando o bebem os ricos em festas egoístas, não cria nenhuma união. Ali não existe fraternidade, ao menos com os pobres que estão sendo excluídos...

Cardenal

No Antigo Testamento muitas vezes se descreveu a era messiânica como uma época de grande abundância de vinho. O profeta Amós (9.13,14) disse que quando viesse o Messias haveria grandes colheitas de trigo e de uva, e que os montes destilariam vinho. Isaías (25.6) disse que Deus ia preparar um banquete para todos os povos, com muita carne boa e ótimos vinhos. E também havia profetizado do Messias dizendo que "não estará triste". Com este milagre Cristo está querendo evidenciar que ele é o Messias prometido.

Marcelino

Vemos, então, que ele vinha trazer a união e a fraternidade entre os homens. Esse é o vinho que trouxe. Se não há fraternidade entre os homens não há alegria. Como uma festa em que estão divididos, em que todos não partilham da mesma maneira, é uma festa sem alegria. Um aniversário é uma festa triste e sem alegria se há divisão... Assim

uma sociedade com litígios, com classes sociais, não pode ter um verdadeiro banquete, uma verdadeira festa.

William

A festa será o Reino de Deus, essa sociedade nova. E por isso Cristo, quando se despediu dos seus discípulos na última ceia, lhes disse que já não ia beber o vinho até que o bebesse com eles nesse reino.

Carlos Alberto

Ele também falou de sua doutrina como de um vinho. O vinho novo que rompe odres velhos.

Filipe

Eu acredito que Jesus gostava de beber. Fez sua primeira manifestação de Messias com o vinho. Fez também com o vinho a sua eucaristia. Acusaram-no porque bebia com os pecadores. Disse que no reino iria beber conosco, ou que ia beber vinho conosco — que é o mesmo. Ou, que ele não queria beber sozinho, ou com uns poucos, como fazem os ricos, enquanto uma grande parte da humanidade sofre, mas com todos, até com o mais pobrezinho dos homens, e por isso o beberá conosco até no Reino dos Céus. Ali vai existir vinho em abundância e não só vinho, porque há povos que bebem outras coisas. E ali não vai faltar o vinho porque ele vai estar conosco.

Pablo

Recordam-se quando ele disse que seus discípulos não jejuavam como os de João Batista porque estavam em festa, pois estavam com o esposo, que era ele, mas que quando o matassem iriam jejuar? Quer dizer que agora não podemos ter festas nem diversões como as que têm os ricos, porque Cristo segue sendo crucificado no pobre. Não porque as festas sejam ruins e o jejum seja bom, como acreditavam os discípulos de João Batista, mas por solidariedade com o pobre.

José Alaniz

Eu creio que o vinho devemos pedi-lo para todos, como Cristo nos ensinou a pedir o pão no Pai-nosso. O pão e o vinho são igualmente importantes, o pão é o alimento e o vinho é a alegria, e por isso ele fez um milagre com o pão e outro com o vinho. Porque existe tanta gente pobre, sem festas, com bebedeiras talvez, mas não alegria. A alegria do Reino só existirá quando todos os homens se amarem e forem amigos.

Teresinha

Mas não foi uma festa qualquer na qual fez o milagre mas uma festa de casamento.

Cardenal

Muitas vezes profetizou-se a era messiânica como umas bodas com Deus. Isaías (62.5) falou a Israel: "Como um menino se casa com uma menina, assim quem te formou se casará contigo, e como o esposo goza com a esposa, assim terás as delícias do teu Deus". E digo que o Cântico dos Cânticos é um livro que fala dessas bodas. Ali a esposa pede que o esposo a beije e diz que suas carícias são melhores que o vinho. Ele declara que seus olhos são como pombas, que seus seios são como duas crias de gazela pastando entre

AS BODAS DE CANÃ

João 2.1-12

Ernesto Cardenal

Comunidade de Solentiname, Nicarágua

Comentamos o Evangelho no rancho onde estávamos reunidos, depois de termos almoçado arroz e feijão com umas frutas-pão que Otávio trouxera da Ilha da Cegonha. Lemos como Jesus foi com sua mãe e seus discípulos a um casamento num povoado.

"Acabou o vinho, e a mãe de Jesus lhe disse: Não tem mais vinho. Mas Jesus respondeu: Mulher, por que dizes isto a mim? Ainda não chegou a minha hora. e ela disse aos que estavam servindo: Façam tudo o que ele disser" (vv. 3, 4 e 5)

A frase de Jesus: "Por que dizes isto a mim?" segundo os últimos estudos bíblicos é uma frase bastante forte, que em outras partes da Bíblia aparece sempre em casos de litígio ou quando alguém está sendo prejudicado por outro, e é algo semelhante a nossa expressão "não me enchas"!

Espero para ver que comentários farão e, depois de um longo silêncio, Olívia fala: Sua hora, que não havia chegado ainda, era a de sua morte. Não devia ainda estar fazendo milagres e apresentando-se como o Messias que vinha para fazer o bem e libertar a sua gente, porque os poderosos o matariam. Por isso é que ele dá esta bronca.

Todos vemos que a explicação foi muito clara, e, depois de uma longa pausa, fala Marcelino, continuando o que disse a Olívia, eu vejo que a atitude de Maria é um bom exemplo. Jesus pode ter tido medo, é muito natural que um homem tenha medo da sua morte. Ele, mais tarde, teve medo no horto quando chegou a sua hora. Ou pode também ter sido nada mais que prudência mesmo. Mas, de qualquer maneira, Maria parece não ter medo nem fazer caso de nenhuma prudência, pelo contrário, anima-o a fazer um milagre. Ele não queria "lançar-se" como o Messias, e ela o provoca e lança-o. Era como se ela falasse: "Pouco me importa que me encham." E chama os empregados.

Alexandre

Assim deve fazer toda mãe revolucionária com seu filho revolucionário. Em vez de procurar dissuadi-lo e de dizer "não te comprometas", incentivá-lo a cumprir a sua missão e lançá-lo a isso.

William

Isto me recorda as conversas que a mãe do padre Camilo conta que tinha com seu filho quando ele se meteu em política: ele lhe dizia "mamãe, quando me matarem"... e ela respondia: "Filho, quando te matarem...". Aqui Jesus simplesmente está dizendo que vão "atingi-lo". Era um fato que os dois haviam tranqüilamente aceitado.

Carlos Alberto

Havia sido um simpático casal que os havia convidado e que iam passar apuros, e não havia outro remédio senão fazer o milagre. Com isto se lançava na sua vida pública, ou seja à luta, e imediatamente ia começar a ser perseguido. Depois disto São João, na passagem seguinte, coloca Jesus expulsando os mercadores do templo e também falando de sua morte. Com este milagre vê-se como as coisas se precipitaram.

Maria Vitória

Ela já sabia que ele estava de acordo, porque não o contesta quando diz que o estava comprometendo. Só chama aos que servem para que ele lhes dê o vinho.

Manuel

E não é interessante que Jesus se tenha comprometido com uma festa, adiantando sua hora para dar vinho numa festa em vez de fazê-lo por alguma coisa mais séria?

Angel

Foi para ensinar-nos que o vinho é bom, e que podemos nos alegrar numa festa. Isto prova que Cristo não pensava como os que dizem que é pecado beber, fumar, dançar e cantar...

"Havia ali seis talhas de pedra, das que os judeus usam em cerimônias de purificação. Em cada talha cabiam uns oitenta a cem litros de água. Jesus disse aos serventes: Encham estas talhas de água" (vv 6, 7)